

A DÁDIVA E O DIVINO: a importância do ritual para a manutenção da vida social

Conceição de Maria Belfort de Carvalho
Lucélia Sá

RESUMO

O objetivo desse artigo não é apenas fazer uma descrição etnográfica de alguns momentos observados na Festa do Divino Espírito Santo da região de Alcântara, cidade do Maranhão, mas, sobretudo, tentar entender como os rituais observados podem ser analisados através de *Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss, obra que ocupa um lugar de destaque na literatura antropológica. Analisamos de que forma as categorias por ele abordadas (*Ensaio sobre a Dádiva, o Potlatch, Bens uterinos e bens masculinos*) podem nos ajudar a compreender a festa para além do que aparentemente ela representa no cotidiano comum. A partir das reflexões feitas no campo da pesquisa e pela manipulação de categorias e conceitos deste autor, pretendemos verificar como sua teoria da dádiva pode ser resgatada como um modelo interpretativo de grande atualidade para o universo de representações e simbologias presentes em alguns rituais de suma importância para pensar os próprios fundamentos da vida em sociedade.

Palavras-chave: Festa do Divino. Dádiva. Ritual. Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

A Festa do Divino Espírito Santo é uma celebração que acontece em alguns estados brasileiros como o Pará, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão. A Festa do Divino, como também é conhecida é realizada no quinquagésimo dia após a páscoa, no Domingo de Pentecostes, data comemorativa da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria Madalena.

A Festa do Divino, conforme destaca Ferreti (2005), é um ritual que faz parte do Catolicismo popular e possui suas especificidades em cada região. No Maranhão, por exemplo, nas cidades de São Luís e Alcântara, há uma diferença marcante. Na capital, a festa faz parte do calendário religioso de terreiros de tambor de mina. Em Alcântara, é uma comemoração que acontece como parte somente do catolicismo.

Neste trabalho, apresentamos a Festa do Divino na cidade de Alcântara. Em um primeiro momento, apresentamos uma descrição de três momentos da festa e, em seguida, propomos uma análise da festa à luz da teoria da dádiva, de Marcel Mauss.

2 A FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA

Para a realização de nossa pesquisa foi feita, inicialmente, uma observação da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara, Maranhão. Destacamos três momentos importantes do festejo,

que consideramos essenciais para uma apreensão mais detalhada e minuciosa dos rituais observados: o levantamento do mastro, que sinaliza o início da festa; a alvorada do Divino, momento em que, nas primeiras horas da manhã, em torno das cinco horas, o som das caixeiros desperta a cidade chamando-a para a programação; a visita dos Impérios, momento em que, em cortejos, os personagens do Império fazem uns aos outros em suas respectivas residências.

No primeiro dia acompanhamos o levantamento do mastro do Mordomo Régio, que chegou por volta das 16:00h da tarde; ao subir a ladeira do porto do Jacaré mais à frente encontramos a população aglomerada, todos animados pela distribuição de licor. Logo em seguida, iniciou-se o cortejo, quando cerca de 70 homens começam a carregar o mastro extremamente pesado, com muitas crianças sentadas em cima do tronco de madeira, o que aumentava ainda mais a peleja dos homens.

É interessante destacar que as crianças desde cedo já são familiarizadas com esse ritual. Muitas delas são filhas dos próprios carregadores. Elas aprendem ainda muito pequenas – entre 8 a 10 anos – a importância dessa manifestação. Seguindo a tradição, algumas dessas crianças que sentam no mastro um dia poderão se tornar também carregadores.

Antes da chegada do mastro ao local onde será fixado, é necessário que ele percorra por alguns pontos da cidade para que seja tocado e reverenciado pela população. Essa trajetória é demarcada com a localização das casas dos festeiros. Mas antes de tudo isso o mastro já havia sido todo decorado. Considerando que não observamos essa etapa, perguntamos aos participantes sobre essa ornamentação e eles disseram que o mastro estava enfeitado com folhas de murta, cachos de bananas, vinho, cachaça. Por ser o mastro da Mordoma, ele carrega a bandeira da ponta de cor verde que representa a cor do Mordomo, inclusive todos os participantes do ritual estavam padronizados, as caixeiros, os músicos e os próprios carregadores trajavam camisas verdes com o nome da Mordoma nas costas.

Para esquecer um pouco o desgaste físico que é demandado por esse ritual são distribuídos, principalmente para os transportadores, vinho e cachaça que dão mais impulso ao transporte e auxilia os homens a carregarem com mais animação. Essa alegria é percebida pelas repetidas brincadeiras que acontecem durante o trajeto, como levantar e abaixar o mastro seguido de repetidas frases: “Levanta o pau! Segura, segura o pau! Abaixa o pau!”

Aos sorrisos e gritos dos rapazes, as caixeiros seguem no batuque de suas caixas, entoando cantos ao divino, acompanhados por muitos disparos de foguetes. O ritual é assistido por uma centena de pessoas que, por fé ou por encantamento com a festa, se dispõem a seguir o cortejo pelo longo percurso. É visível a intensa penitência enfrentada no transporte. Assim, vários paus são atravessados transversalmente ao comprimento do mastro, de forma que dois homens ficam de cada lado, suportando o peso debaixo dos ombros.

Ao chegar finalmente ao local onde será fincado por volta de 18:00h, na Praça da Igreja das Mercês, é cavado um buraco de quase 2 metros de profundidade para comportar o peso e tamanho do tronco de madeira. Antes de ser levado, o mastro passa por uma espécie de ritual de sacralização para então deixar de ser um mero tronco e tornar-se um elemento sagrado. Nesse processo, conhecido como batismo e realizado pelos próprios padrinhos, foram utilizadas velas, água, galinho de murta.

Após a sua sacralização, os rapazes que o carregam se colocam em posição para levantar o mastro e fincá-lo no buraco já feito. Cordas e uma espécie de tesoura feita de madeira, com mais ou menos dois metros de altura são utilizadas para auxiliar o processo de subida do mastro, exigindo nesse momento muita habilidade, esforço físico e perícia para que ele fique totalmente ereto, sem cair ou partir ao meio.

Nesta etapa, todos os participantes e as pessoas que estão em volta ficam muito eufóricas e apreensivas, pois a partir desse momento o mastro passaria a ser uma espécie de oráculo. Se tudo ocorrer bem no seu levantamento, isso implica em um bom presságio, caso ocorra o contrário, o sentimento é de mal presságio, ou seja, esses sinais responderiam que o ano vindouro dos festeiros e pessoas envolvidas na festa poderia não ser tão agradável. Por isso, a perícia urgentemente demandada é exigida para que nem sequer torto o mastro fique. Assim, com a ordem da Mordoma Régia, começa o seu levantamento; toda força física dos homens e rapazes é utilizada para o sucesso da operação e ainda são dadas ordens de comando o tempo todo, orientando o momento que cada instrumento deve ser usado.

Aos poucos as tesouras vão dando suporte ao levantamento, as cordas vão sendo esticadas para impulsionar ainda mais o levantamento; então o mastro finalmente é colocado no buraco e vai ficando em sua posição correta, mas antes de ser fixado, ele cambaleia para todos os lados juntamente com seus carregadores. Os participantes agitados e eufóricos começam a gritar bastante, correm de um lado para o outro o tempo todo. Chegando a posição vertical, todos comemoram, as caixeiras rufam felizmente suas caixas para comemorar o sucesso do levantamento do mastro, e logo em seguida o Divino é saudado: “Viva o Divino Espírito santo! Viva! Viva!”.

A euforia dos participantes não acaba por aí. Logo em seguida depois do mastro ser fincado, para completar a comemoração dois homens, ficam posicionados em cima do telhado de duas casas bem próxima uma da outra, cada um em uma delas; daí começa a distribuição dos bolinhos de tapioca de cima do telhado; alguém joga esses bolinhos para quem está em baixo. Nesse momento a histeria do povo é extremamente excessiva; ouvem-se gritos e empurrões estão presentes o tempo todo, até cessar a distribuição. Não há nenhuma preocupação de organização nessa etapa; as pessoas se debatem entre si e disputam o alcance dos bolinhos no alto, e para completar essa agitação, aqueles que conseguem pegar os bolinhos são “repreendidos” pelos colegas que não o conseguiram. Os bolinhos começam a serem disputados no murro, com golpes de mãos fechadas leves ou fortes nas costas, ou seja, o que eles costumam popularmente chamar de “a jogar para murro”, então quem estiver envolvido tentando pegar os bolinhos está inevitavelmente propenso a levar murros durante a brincadeira, que já faz parte do ritual e por isso ninguém é perdoado.

No dia seguinte ainda muito cedo da manhã, por volta das 05:00h, a cidade de Alcântara já é despertada ao som das caixeiras na alvorada do Divino. Este ritual também faz parte da tradição da festa, em que os integrantes acordam muito cedo para acompanhar rigorosamente a programação. Ao seguir o som do toque das caixas, encontramos na Praça da Igreja das Mercês músicas, caixeiras e bandeirinhas reunidas em torno do mastro da Mordoma-Régia. Na alvorada, as caixeiras e bandeirinhas cantam, dançam e tocam ao pé do mastro por aproximadamente uma hora. As caixeiras constituem um dos elementos mais importantes da festa, podemos dizer que sem elas não há festa do Divino. Segundo Pacheco e Gouveia (2005, p.2), as caixeiras são “senhoras devotas que cantam e

tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia. [...] são portadores de uma rica tradição que se expressa nas cantigas que pontuam cada uma das etapas da festa”. Percebemos nos dias observados que as mulheres conduzem ritualmente a festa ao som de suas caixas, tocando em todos os momentos da festa, são mulheres idosas e que já participam do festejo há muito tempo.

Neste ano de 2017, o grupo das caixeiras era composto por cinco integrantes, porém cada uma delas acompanhada por sua bandeirinha que as ajudam nas obrigações, cantando as ladainhas e dançando nas festas, ou seja, as bandeirinhas são preparadas para um dia se tornarem também uma caixeira, com o objetivo de perpetuar e manter viva a tradição dessas mulheres. As bandeirinhas que observamos estavam sempre de acordo com os trajes das caixeiras, usando roupas de mesma cor e tecido, porém o modelo das roupas se diferenciava, como foi percebido no dia da Visita da Mordoma Régia ao Império. Elas trajavam roupas brancas assim como as caixeiras, mas suas roupas eram mais curtas e coladas no corpo, ou seja, os trajes estavam adaptados a idade das bandeirinhas que por sinal eram bem jovens.

No sábado, por volta das 21:00h, aconteceu a visita da Mordoma Régia ao império. Todos os participantes envolvidos no ritual estavam trajando indumentárias nobres, suntuosas, com tecidos finos, rendas, bordados em pedrarias e lantejoulas, cobertos de muito brilho para se destacarem as figuras imperiais formando a corte real.

O Império do Divino, conforme destaca Pereira (2012), é formado por um grupo de crianças que se caracteriza como personagens da nobreza portuguesa em alusão à ascendência lusitana da festa e é também denominado de corte, realza ou nobreza.

Começa-se a maratona da visita: ao chegar a cada casa de festa há uma breve parada e o ritual é marcado por momentos que demandam cumprimento do protocolo cerimonial. Nessa etapa, os gestos de cortesia e reverência são executados com muita precisão, repetindo costumes ancestrais. Os protocolos são obedecidos e é realizado o ritual com vista a representar a época imperial; a todo o momento, é possível perceber como a hierarquia é religiosamente representada. O grupo de crianças que faz parte dos representantes do Império possui vestimentas de trajes nobres e são tratados como tais durante os dias de festa com todas as regalias. Para cada momento específico as crianças aparecem com vestimentas diferentes. Foi visto nos dias observados dois tipos de roupas diferentes, o primeiro traje utilizado na ladainha na Igreja do Carmo era de cor rosa. A Imperatriz, as duas Aias e também as caixeiras estavam padronizadas com a mesma cor. Já na visita ao Império a noite todas elas estavam vestidas de branco, somente a imperatriz além de carregar a cor branca na sua vestimenta, também possui um manto de veludo vermelho que representa a cor do império. Conforme destaca Ferreti (2005, p. 3): “Um semestre antes [da festa] escolhem-se as cores predominantes das vestimentas, a serem usadas pelas crianças, e dos enfeites, para que os organizadores comecem a adquirir o material necessário, devendo tudo ser preparado com bastante antecedência”.

Durante a passeata, antes das visitas, algumas “lanternas”, confeccionadas com garrafas pets, contendo uma vela acesa dentro, são distribuídas para os participantes. As caixeiras começam a tocar suas caixas convidando todos para os seguirem em cortejo; em pouco tempo uma multidão se aglomera para acompanhar o ritual. Inicia-se, então, a visita ao Império. Protocolos e cortesias de ambos os nobres indicam a realização de visitas mútuas, ou seja, a Mordoma visita o Império sendo que este

também a visita. O cortejo faz diversas paradas nas casas dos festeiros, acompanhado por disparos de muitos foguetes que têm mais intensidade a cada parada. Nesse momento o Mestre Sala diz em voz alta “viva o Divino Espírito Santo e o Mordomo dos passos!” Dentro da casa ouve-se a resposta: “Viva o Divino Espírito Santo e o Mordomo em trânsito!”

Ao chegar à casa do Império, a Imperatriz sai ao encontro dos festeiros e nesse momento ela troca a coroa pela pomba do Divino da Mordoma; em seguida, entram todos na casa e tem início o baile e os comes e bebes; as mesas de doces oferecidas pela Imperatriz é consumida rapidamente. Depois dessa recepção todos se dirigem à casa da Mordoma, onde também é encontrada uma recepção farta, também consumida em pouco tempo. A festa continua até de madrugada, sem faltar bebida como licores, cerveja, cachaça e vinho. A folia continua até a saída da última pessoa da casa, pois ninguém pode ser mandado embora, mesmo as caixeiras e os representantes do império se retirando, a festa continua com os músicos.

Esta observação termina com a visita do império à casa da Mordoma, Embora esta pesquisa sobre a Festa do Divino tenha ocorrido de forma parcial, sem a possibilidade de participar de todos os dias do evento, percebemos a seriedade que a população tem em relação ao festejo, que é muito venerado e respeitado por todos. As pessoas envolvidas no ritual não estão apenas representando personagens, elas têm o Divino como referência de suas vidas, ao mesmo tempo em que este é uma simbologia, existe um compromisso existencial marcado por devoção e dedicação.

3 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E A DÁDIVA, DE MARCEL MAUSS

Para Mauss (2003 apud SABOURIN, 2008, p. 131), “a dádiva é o oposto da troca mercantil e, paradoxalmente, procura nela a origem da troca (ou do intercâmbio). De outro lado, mostra a essência da reciprocidade com o caráter universal da trílice obrigação de ‘dar, receber e retribuir’”.

A dádiva é apresentada de diversas maneiras, incluindo presentes, festas, comunhões, heranças. Mauss (2003 apud SABOURIN, 2008) postula que a vida social se perfaz em torno de dar, receber e retribuir. Esses elementos são constitutivos não apenas da esfera econômica, mas também fazem parte deles as instituições religiosas, jurídicas e morais.

Destaca, ainda, que as trocas são concebidas e praticadas em diferentes tempos e lugares, assumindo diferentes formas.

Como elementos de análise para este trabalho, elegemos *Ensaio sobre a Dádiva, o Potlatch, Bens uterinos e bens masculinos*, a fim de verificar como eles podem ser adotados como categorias de análise para A Festa do Divino.

4 ENSAIOS SOBRE A DÁDIVA

A festa do Divino pode ser inserida como “fato social total”, pois ela intervém em todas as dimensões da vida social local, baseado em um sistema de produção e circulação de bens, pessoas e de dádivas baseadas na reciprocidade. Nesse sentido, podemos situar esse sistema de trocas que caracterizam a dádiva¹ a partir da obrigação de dar, receber, retribuir.

1 O sentido que o Mauss (1978) concebia a dádiva não se limita apenas a troca de presentes, enfatizando um sentido

Um dos momentos bem característico dessa “obrigatoriedade” é quando é dado ao festeiro a tarefa de organizar a festa, lembrando que isso não acontece aleatoriamente, pois este recebe uma determinada graça do Divino, normalmente uma promessa realizada, mas precisa retribuir aquilo que recebeu. Desta forma, existe a obrigação de retribuir e agradar ao Divino, dando o seu melhor na realização da festa, ou seja, retribuir muito mais daquilo que ele recebeu.

No entanto, quando Mauss (1978) realça que objeto trocado não é inerte, ou seja, não permanecendo com o seu depositário ele circula, mas acaba de alguma forma voltando com um valor ainda maior. Em outras palavras, o fiel recebe uma benção do Divino e tenta retribuí-la através da festa, distribuindo e dando a outros aquilo que recebeu, o que significa que a festa representa a manifestação da graça recebida, além do mais uma dádiva nunca é perdida. Nesse sentido, é preciso pontuar que não se trata de uma troca desinteressada², pois espera-se que seja ainda mais abençoado, lembrando que, se o indivíduo não agradar o Divino pode correr o risco de perder a benção que recebera deste, visto que são as trocas entre os homens que despertam a generosidade dos deuses.

Outro ponto marcante do festejo é a carga mágica atribuída ao objeto. A pomba, o altar, o mastro, depois de consagrados, são transformados em objetos sagrados, assim, por exemplo, o mastro depois do ritual do batismo deixa ser apenas um tronco de madeira, pois a presença divina passa a habitar nele.

A Dádiva é bem marcante no fechamento da tribuna quando a Mordoma Régia recebe esse posto, mas precisa dar o máximo de si na celebração da festa; se tudo sair como esperado, ela consegue “honra e prestígio”. No entanto, esta não pode permanecer na função por muito tempo; depois no término da festa, é preciso oferecer essa função a outro, ou seja, é necessário circular.

Um outro elemento destacado por Mauss é o *Potlatch*, exemplificado nos estudos etnográficos dos povos Esquimós. Trata-se do ponto marcante que caracteriza as trocas levadas ao extremo nessas sociedades que se rivalizam em generosidade por meio da destruição sacrificial de presentes e alimentos.

Tudo na Festa do Divino é movido pela fartura de alimentos e bebidas. As refeições servidas a todos os convidados e curiosos que aparecem na festa simboliza, em nosso ponto de vista, a ação do sacrifício presente do *Potlatch*. A grande fartura e desprendimento de alimentos são utilizados não só para mostrar aos outros essa abundância, mas acima de tudo para agradar o Divino Espírito Santo, afinal como afirma Mauss (2003 apud SABOURIN, 2008, p. 206), “é preciso pagar a dívida aos deuses”. Nessas condições, quando se distribui presentes não se tem em vista somente agradar aos homens, pois esses contratos não envolvem apenas seres humanos e coisas, mas, sobretudo, seres sagrados, visto que existe uma relação simbiótica entre esses três elementos que acabam por interferir na própria natureza, na qual homens, coisas e espíritos³ se misturam.

mais amplo e complexo a essas prestações. Para ele, a dádiva inclui também visitas, comunhões, festas, esmolas, sendo estes elementos características marcantes da Festa do Divino.

2 Da mesma forma que Mauss (1978) descreve nas sociedades Esquimós, em que o objeto trocado retoma ao seu lugar de origem, o festeiro que dá tudo de si em sua semana de festa vê nisso uma maneira de não perder aquilo que foi dado pelo Divino e na medida em que compartilha com outros recebe muito mais.

3 Segundo Mauss (2003 apud SABOURIN, 2008p. 206), “um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram que contratar e por definição, ali estavam para contratar com eles foi, antes de tudo, o dos espíritos dos mortos e dos deuses. Com efeito são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo”.

Aquele que não distribuir de alguma forma aquilo que ganhou do Divino e guarda tudo para si (avarento) pode ter sua fartura (graça recebida) arruinada. Desta forma, é preciso oferecer a dádiva em sacrifício, desfazendo-se dela, e umas das formas de fazer isso é gastando, distribuindo esmolas aos mais necessitados, oferecendo festas com banquetes fartos. Por isso, a grande distribuição de alimentos na Festa do Divino pode ser pensada como uma forma de oferecer *Potlatch*, porém não se trata de uma generosidade qualquer, pois há uma preocupação de superar-se uns aos outros em generosidade em cada casa de festa.

Cada detalhe da festa é rigorosamente trabalhado por todos os envolvidos, havendo uma preocupação especial para não faltar convidados e também uma atenção para os alimentos que serão servidos. A fartura é um dos pontos fundamentais do festejo, pois caso falte comida, bebida ou convidado, a festa e quem está à frente de sua organização pode ter seu prestígio fortemente abalado. O prestígio⁴ é uma das características essenciais do Potlatch, sendo preciso ter recursos e demonstrar isso quando se assume uma semana de festa.

Outro elemento apresentado por Mauss (1978) refere-se aos *Bens uterinos e bens masculinos*. Trata-se das diferenças entre os bens que pertencem ao universo masculino e os bens que pertencem ao universo feminino.

Nessa perspectiva, situamos a presença desses elementos na festa, na qual homens e mulheres possuem funções e objetos específicos. As caixas são instrumentos femininos e por isso são tocadas pelas caixeiras, já o mastro é um elemento masculino, em que os homens têm a função de buscá-lo, carregá-lo, fincá-lo e derrubá-lo. Assim, homens e mulheres, além de possuírem objetos peculiares e distintos, também exercem funções específicas em toda a organização do festejo.

No entanto, percebemos que o papel da mulher se sobrepõe ao papel masculino. Embora a presença de homens seja imprescindível e essencial para realização do evento, a presença feminina é mais constante em quase todas as etapas do evento. Às mulheres, cabe a tarefa de dirigir as rezas, que constituem o mecanismo indispensável para mediar a comunicação entre os indivíduos e o Divino, ao mesmo tempo em que se encarregam com os cuidados relativos à cozinha, decoração das casas de festas, enfeites e presentes que deveriam ser distribuídos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da observação e manipulação das categorias na análise desse festejo, foi interessante perceber que a festa do divino não se trata em si de um evento que acontece separado do cotidiano comum das pessoas que dela participam, mas é um ritual que se entrelaça em todas as esferas da vida. Sabemos que o sentimento pelo sagrado é algo existente em todas as sociedades e todos os períodos históricos da humanidade, sendo interessante entender através dos rituais religiosos como a vida social é regulada por símbolos, elementos imprescindíveis para a própria classificação do real. Ao mesmo tempo que estão no plano da representação, intervêm sensivelmente na forma como vivemos e nos relacionamos em sociedade, visto que é por meio

4 Em Ensaio sobre a Dádiva, Mauss (1978) chega à conclusão de que a obrigação de dar é a essência do Potlatch. Um chefe só conserva sua autoridade se provar que é visitado com frequência e favorecido pelos espíritos e pela fortuna.

desse sistema de crenças que somos impulsionados a agir, interagir e nos organizarmos dentro do grupo da qual fazemos parte.

Nesse sentido, o período da Festa do Divino se torna um elemento essencial para tal propósito, por ser um momento em que a população se une em torno de um objetivo coletivo, cujos laços sociais são revigorados, acionando assim os fundamentos da solidariedade essenciais para a manutenção da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

FERRETI, Sergio F. **Catálogo da exposição divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular /IPHAN / MEC, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas. sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1978. v. II.

PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia. **Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.

PEREIRA, Keyla Cristina Santana. **Império do Divino: uma análise etnocenológica dos personagens da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís-Ma**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, 2012.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 131-208, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/08.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MINIBIOGRAFIA

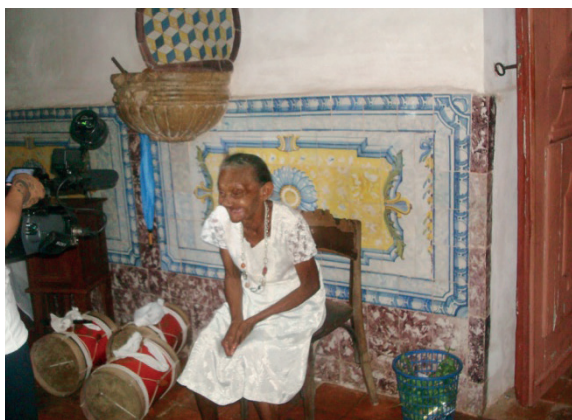
Conceição de Maria Belfort de Carvalho

Graduada em Turismo e Especialista em Planejamento Ambiental (UFMA). Mestre em Estudos Literários e Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professora da Universidade Federal do Maranhão e do Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade (Nível Mestrado). Tem experiência na área de Turismo, com ênfase nas áreas: Gestão do turismo, Patrimônio cultural e Pesquisa em Turismo.

Lucélia Sá

Estudante do Curso de Ciências Sociais / UFMA.

ANEXOS





Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora Lucélia Sá